

**O MITO NÓRDICO DE CRIAÇÃO NA *EDDA EM PROSA*: TRADUÇÃO
COMENTADA***Rafael de Almeida Semêdo*¹

RESUMO: A *Edda em prosa* é uma das mais importantes fontes sobre o mito nórdico de criação. Composta no século XIII por Snorri Sturluson, político e poeta islandês, a obra contém diversas narrativas sobre deuses e heróis das antigas religiões pré-cristãs da Escandinávia. Neste artigo, apresento uma tradução comentada direto do texto em islandês antigo estabelecido por Faulkes (2005) do segmento sobre a criação do mundo, em que Snorri detalha a origem do cosmo, dos astros, dos elementos da natureza, dos deuses, dos homens, gigantes, elfos, anões etc.

PALAVRAS-CHAVE: *Edda em prosa*, Snorri Sturluson, Mitologia nórdica, Escandinávia medieval.

ABSTRACT: The *Prose Edda* is one of the most important sources about the Norse myth of creation. Written in the 13th Century AD by Snorri Sturluson, the work presents us several narratives about gods and heroes from the old pre-Christian times of Scandinavia. In this article, I propose a commented translation straight from the Old Icelandic text established by Faulkes (2005) of the segment about the creation of the world, in which Snorri describes the origin of the cosmos, of nature, of gods, men, giants, elves, dwarves etc.

KEYWORDS: *Prose Edda*, Snorri Sturluson, Norse mythology, Medieval Scandinavia.

Propõe-se aqui uma tradução, direto do islandês antigo, da narrativa de criação do mundo contada na *Edda em prosa*, ou *Edda de Snorri* (“*Snorra-Edda*”), uma das principais fontes sobre o mito nórdico de criação. Snorri Sturluson (1179–1241)², a quem é atribuída a obra, narra a cosmogonia nórdica de maneira clara e didática, citando amiúde os poemas tradicionais mais antigos da *Edda em verso*.

A *Edda em Prosa* é dividida em quatro partes: 1) *Prólogo*, em que se narra o mito de criação segundo a doutrina cristã, e se propõe uma explicação racional da origem dos deuses do panteão nórdico como pessoas históricas (euhemerismo), 2) *O embuste de Gylfi* (“*Gylfaginning*”, abreviado *Gfg*), em parte aqui traduzido e detalhado mais adiante; 3) *Dizeres sobre a poesia escáldica* (“*Skáldskaparmál*”), em que se narram a origem mítica da poesia e se discutem as

¹ Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2018) sob orientação do Professor André Malta Campos com o projeto “Od. XI, 363-9: mentira e verdade na recepção de Alcínoo aos apólogos”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Realizou estágio de pesquisa no exterior na Universidade de Amsterdã sob supervisão da Professora Irene de Jong com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

² A crença na autoria de Snorri da *Edda em Prosa* hoje em dia parece incontestável. Os seguintes autores trabalham com tal aceção: Clunies Ross (1987 e 2010), Faulkes (1995 e 2005), Byock (2001), Boulhosa (2004), Lindow (2005), Moosbrugger (2010), Semêdo e Fernandes (2017). Conforme diz Boulhosa, “a autoria de Snorri Sturluson é atualmente considerada como certa e indiscutível” (2004, p. 14).

técnicas da poesia escáldica, e 4) *Lista de metros* (“*Háttatal*”), em que se listam as formas métricas utilizadas na poesia escáldica. A passagem que aqui se encontra traduzida faz parte de *Gylfaginning*, segmento dedicado majoritariamente à narrativa de temas míticos, com um interesse técnico apenas secundário. Tal segmento da obra é um tratado mitográfico que serve como preâmbulo ao estudo das questões mais técnicas abordadas nas seções posteriores, *Skáldskaparmál* e *Háttatal*.

Introdução à *Gylfaginning*, o embuste de Gylfi

Gylfaginning (“*O embuste de Gylfi*”) é um diálogo entre Gangleri (na verdade, um rei chamado Gylfi disfarçado), e o deus Odin, que, para enganar seu convidado, divide-se em três figuras: *Hár* (Alto), *Jafnhár* (Igualmente-alto) e *Priði* (Terceiro)³. Nesta tradução, utilizo-me do texto estabelecido por Faulkes (2005), seguindo sua divisão de capítulos.

Podemos subdividir *Gylfaginning* nas seguintes seções: Introdução - chegada de Gylfi/Gangleri ao palácio dos deuses (1-2); Criação e estabelecimento do cosmo (segmento aqui traduzido, 3-19); Descrição e histórias dos deuses (20-43); Duas histórias de Thor: viagem à corte de Útgardaloki e a pesca da Serpente de Midgard (44-48); Ragnarok, o fim e o ressurgimento do mundo (49-53); Conclusão: a volta de Gylfi para casa (54).

Tradução e comentário: a criação segundo a *Gylfaginning* (3-19)

[3] Gangleri começou assim sua fala: “Quem é o maior e mais velho de todos os deuses?”

Alto [*Hár*]⁴ disse: “Esse chama-se Pai-de-todos [*Alfǫðr*]⁵ em nossa língua, mas em Ásgard⁶ antigo ele possuía doze nomes. Um era Pai-de-todos [*Alfǫðr*], o segundo era Herran ou Herian, o terceiro era Nikkarr ou Hnikarr, o quarto era Nikuz ou Hnikud, o quinto, Fiolnir, sexto, Ôski,

³ É tentador enxergarmos a divisão do deus em três partes como influência cristã.

⁴ Optei por traduzir os nomes claramente significativos e sem etimologia controversa seguidos do original em islandês antigo entre colchetes. Os restantes se encontram ou na grafia recorrente em português, sobretudo conforme estabelecido em Langer (2015), ou transliterados. No caso dos transliterados, para não induzir a uma prosódia inadequada em português, os acentos originais são transpostos a circunflexos nas letras “e” e “o”, e mantidos agudos nas letras “a”, “i”, “y” e “u”. O acento em islandês antigo representa alteração apenas na quantidade das vogais (vogais acentuadas são longas, não acentuadas são breves), não em sua qualidade (não há alteração na pronúncia aberta ou fechada).

⁵ O deus Odin. *Simek* suspeita que a alcunha “pai de todos” seja uma influência cristã. *Lindow* prefere interpretá-lo como um retrato de que Odin, embora não seja literalmente pai de *todos*, é de fato o pai de muitos outros deuses, os mais famosos dos quais são Thor e Baldr. Mais adiante (*Gfg*, 9), Snorri se encarrega de explicar porque o deus é assim chamado.

⁶ Ásgard (*Ásgarðr*): literalmente, “recinto-dos-Ases”. Ases (no nórdico-islandês antigo, nom. sg. *Ás*, nom. pl. *Æsir*) são os deuses da principal linhagem divina do panteão nórdico.

sétimo, Ômi, oitavo, Biflidi ou Biflindi, nono, Svidar, décimo, Svidrir, décimo primeiro, Vidrir, décimo segundo, Ialg ou Ialk.

Então perguntou Gangleri: “Onde esse deus se encontra? E o que ele é capaz de fazer? E o que realizou de feitos notáveis?”

Alto disse: “Ele vive por todas as eras, comanda todo seu reino e governa todas as coisas, grandes e pequenas.”

Então falou Iguualmente-alto [*Jafnhár*]: “Ele forjou o céu, a terra, os ares e tudo que pertence a eles”.

Então falou Terceiro [*Priði*]: “Mas o mais importante é que ele fez o homem e deu a ele o espírito, que deve viver e jamais perecer, embora o corpo apodreça debaixo da terra ou queime até virar cinzas. E todos os que são corretos e virtuosos devem viver e estar com ele próprio em, como chamam, Gimlê ou Vingôlf. Mas os perversos vão para Hel⁷ e de lá para Niflhel que fica abaixo, no nono mundo.”

Então falou Gangleri: “Com que o Pai-de-todos se ocupava antes de o céu e a terra serem feitos?”

Alto respondeu: “Ele estava então com os gigantes de gelo [*hrímþursar*]⁸.”

[4] Gangleri falou: “O que foi o início? E como tudo começou? E o que havia antes?”

Alto respondeu: “Assim como é dito na *Profecia da bruxa* [*Völuspá*]⁹,

Era o início dos tempos
quando não havia nada.
Não havia areia nem mar
nem ondas geladas.
A terra não se encontrava,
nem o céu acima,
nem grama alguma.

⁷ Hel é o nome tanto da morada dos mortos quanto da deusa que governa o local, assim como o Hades na mitologia grega. Nesta passagem, refere-se ao local. Estamos diante de uma inconsistência interior na *Edda em prosa*: somente aqui, Hel é referido como local para onde vão homens maus (em oposição aos bons, que vão para Gimlê ou Vingôlf), como é o caso do inferno cristão. Mais adiante, numa passagem não traduzida neste artigo, *Gfg*, 34, Snorri afirma que Hel é o lugar para onde vão as almas daqueles que morrem de velhice ou doença (em oposição àqueles que morrem em batalha, que vão para Valhalla), sem que necessariamente o local seja de punição. É tentador imaginarmos influência do cristianismo na oposição Gimlê/Vingôlf como local para onde vão as almas dos bons e corretos, comparável ao céu cristão *versus* Hel como local para onde vão os maus, comparável ao inferno cristão.

⁸ Existem diversos termos traduzidos genericamente por “gigante” (*jötunn*, *þurs*, *troll*, *gýgr* etc.). *Simek* afirma que tanto *þurs* quanto *troll* referem-se a gigantes como seres malignos, enquanto *jötunn* designaria tal povo de maneira mais neutra ou geral.

⁹ Conforme mencionado na introdução, Snorri insere em seu texto, na voz de personagens, diversas citações de poemas édicos. Na passagem em questão, temos *Völuspá*, ou “A profecia da bruxa”, (doravante abreviado *Vsp*).

Havia apenas o vazio de Ginnunga¹⁰

Então falou Igualmente-alto: “Foi muitas eras antes de a terra ser formada que Niflheim foi feito. No meio dele situa-se a fonte que se chama Hvergelmir, e dela fluem os rios assim chamados: Svol, Gunntrhá, Fjorm, Fimbulthul, Slídr e Hríd, Sylgr e Ylgr, Víd, Leiptr; Gjoll está próximo aos Portões-de-Hel [*Helgrindir*].”

Então falou Terceiro: “Mas primeiro havia aquele mundo na parte sul chamado Muspell. Ele é incandescente e quente. Tal região é flamejante e ardente, e é impenetrável para forasteiros que não têm morada lá. Chama-se Surt aquele que permanece nos confins da terra para defendê-la. Ele tem uma espada flamejante, e no fim do mundo¹¹ vai marchar e guerrear, vencer todos os deuses e queimar o mundo inteiro com fogo. Assim diz na *Profecia da bruxa*:

Surt vem do sul
com a destruição de galho¹².
Brilha em sua espada
o sol dos deuses dos mortos.
Rochedos se destroçam
e bruxas [*gífr*] perambulam.
Homens marcham pelo caminho de Hel
e o céu se parte.

[5] Gangleri falou: “E como tudo se estabeleceu antes de os povos existirem e de a humanidade crescer?”

Então falou Alto: “Os rios que se chamam Êlivágar correram para tão longe de sua fonte que o fluido venenoso que os compunha se endureceu, tal como a sobra do ferro que é retirada do fogo. Então tal fluido se transformou em gelo, e quando o gelo estagnou-se e não corria mais, então o vapor que emanava do veneno resfriou-se em direção ao exterior e solidificou-se em uma geada. E as geadas foram-se precipitando umas sobre as outras por todo o Ginnungagap. Então falou Igualmente-alto: “Em Ginnungagap, o lado que se voltava para o norte se sobrecarregava com o peso e a força do gelo e da geada, e garoa e ventania também irrompiam de dentro para fora. Mas o lado sul de Ginnungagap se abria pelo encontro com as fagulhas e centelhas que flutuavam do mundo de Muspell.”

¹⁰ O vazio de Ginnunga, ou *Ginnungagap* é o espaço primordial da mitologia nórdica, comparável ao Caos da mitologia grega na *Teogonia*, 1. Sua etimologia é controversa, mas a mais difundida é a de que signifique um vácuo preenchido por poderes mágicos (v. *Simek, Faulkes*).

¹¹ Aqui o texto em islandês antigo diz, literalmente, “o fim do mundo (*enda veraldar*)”, uma referência ao evento conhecido como Ragnarok, o “crepúsculo dos deuses”, quando os Ases e seus aliados são derrotados pelos gigantes e outras criaturas prodigiosas lideradas pelo deus Loki (*Gfg*, 51-3).

¹² Destruição de galho: *kenning* (circunlocução) para “fogo”.

Então falou Terceiro: “Assim como o frio e todas as coisas sombrias emergiam de Niflheim, o lado voltado para Muspell era quente e incandescente. Mas Ginnungagap era tão ameno quanto o ar sem vento. E então, quando as geadas e a corrente de calor se encontraram de modo que derreteram e pingaram, das gotas geradoras surgiu vida com a força que emanava do calor. A forma de um homem surgiu, e esse chamou-se Ymir. Os gigantes de gelo chamam-no Aurgelmir, e dele vem o povo dos gigantes de gelo. Assim como é dito na *Pequena profecia da bruxa* [*Völuspá hinni skömmu*]¹³:

Todas as bruxas [*vǫlur*] são
de Vidolf,
todos os magos [*vitkar*],
de Vidmeid,
todas as feiticeiras [*seiðberendr*],
de Svarthofdi,
todos os gigantes [*jǫtnar*]
vêm de Ymir.

E aqui diz o gigante [*jǫtunn*] Vafthrúdnir¹⁴:

de onde Aurgelmir veio
com os filhos dos gigantes,
o primeiro, o sábio gigante.

Quando dos Êlivágar
fluíram gotas de veneno,
surgiu um broto, e dali cresceu o gigante.
De lá nossas famílias
todas vieram.
Por isso somos para sempre violentos.”

Então falou Gangleri: “E como as famílias cresceram a partir disso, e o que aconteceu para que mais homens surgissem? E você crê que esse de quem fala agora é um deus?”

Então respondeu Alto: “De modo algum consideramo-lo um deus. Ele era mau, assim como todos os seus descendentes. A eles chamamos gigantes de gelo. E conta-se que, enquanto dormia, ele suou, e de baixo de seu braço esquerdo surgiram um homem e uma mulher, e uma perna gerou um filho com a outra. E de lá vieram as famílias. Esses são os gigantes de gelo. O velho gigante de gelo, nós o chamamos de Ymir.”

[6] Então falou Gangleri: “Onde vivia Ymir, e do que ele se alimentava?”

¹³ A *pequena profecia da bruxa* (*Völuspá hinni skömmu*) é um poema édico preservado apenas nesta passagem da *Edda em Prosa* e em parte do poema *Canção de Hyndla* (*Hyndluljóð*) da *Edda em verso* (v. *Simek*).

¹⁴ O excerto citado vem do poema édico *Os dizeres de Vafthrúdnir* (*Vafþrúðnismál*).

“Em seguida aconteceu que quando as gotas de gelo pingaram, então surgiu uma vaca que se chamava Audhumla, e quatro rios de leite corriam de suas tetas, e ela alimentava Ymir.”

Então falou Gangleri: “E do que a vaca se alimentava?”

Alto disse: “Ela lambia as pedras de gelo, que eram salgadas. E na noite do primeiro dia em que lambeu as pedras, o cabelo de um homem surgiu da pedra. No segundo dia, revelou-se a cabeça do homem. No terceiro dia, lá estava o homem inteiro. Ele chamava-se Búri. Era belo em aparência, grande e poderoso, e gerou um filho que se chamava Bor. Este tomou a mulher chamada Bestla, filha do gigante Bolthorn, e eles tiveram três filhos. Um chamava-se Odin, o segundo, Vili, o terceiro, Vê. Creio que esse Odin e seus irmãos devam ser os governantes do céu e da terra; acreditamos que ele deva ser chamado assim. Assim denomina-se aquele que sabemos ser o maior e melhor, e vocês fariam bem ao chamá-lo de tal forma.”

[7] Então falou Gangleri: “E como eles conviviam, e quais eram os mais poderosos?”

Então respondeu Alto: “Os filhos de Bor mataram o gigante Ymir. E quando seu corpo tombou, tanto sangue jorrou de suas feridas que toda a raça dos gigantes de gelo se afogou, com exceção de um, que conseguiu escapar com sua família. A esse chamam os gigantes de Bergelmir. Ele embarcou em uma arca com sua mulher e lá permaneceu, e deles se originam os povos dos gigantes de gelo, como é dito aqui:

Incontáveis invernos
antes de a terra ser formada,
então Bergelmir nasceu;
é o primeiro de que me lembro,
aquele sábio gigante
que na arca foi posto.”

[8] Então Gangleri respondeu: “O que fizeram os filhos de Bor, então, se você crê que eles sejam deuses?”

Alto disse: “Não há pouco para se dizer sobre isso. Eles tomaram Ymir e lançaram-no no meio de Ginnungagap, e a partir dele fizeram a terra; de seu sangue, criaram o mar e os lagos. A terra foi feita de sua carne, e as montanhas, de seus ossos. Pedras e cascalhos eles fizeram de seus dentes e dos ossos que foram quebrados.”

Então Igualmente-alto falou: “Do sangue que corria de seus ferimentos e circulava livremente, dele fizeram o mar com o qual cercaram e firmaram a terra. E por fora, ao seu redor, posicionaram um mar em forma de anel: esse parecerá intransponível para a maioria dos homens.”

Então falou Terceiro: “Tomaram também seu crânio e dele fizeram o céu, e posicionaram-no sobre a terra com quatro cantos, e em cada canto puseram um anão [*dvergr*]¹⁵. Eles chamam-se assim: Leste, Oeste, Norte, Sul [*Austri, Vestri, Norðri, Suðri*]¹⁶. Então tomaram as fagulhas e centelhas que flutuavam livremente e haviam sido atiradas do mundo de Muspell e colocaram-nas no meio do céu de Ginnunga [*Ginnungahiminn*], tanto em cima quanto embaixo, para iluminar o céu e a terra. Eles designaram locais para todos os corpos flamejantes: alguns no céu, outros flutuavam livremente sob o céu, e estabeleceram um lugar para eles e criaram seu curso. Conta-se nas antigas histórias que a partir de então os dias e o contar dos anos foram divididos, assim como é dito na *Profecia da bruxa*:

Sol não sabia
onde era seu salão.
Lua não sabia
qual poder possuía.
As estrelas não sabiam
onde era seu lugar.

Assim era antes de a terra existir.”

Então falou Gangleri: “São impressionantes relatos esses que agora ouço: trabalho incrivelmente grandioso e habilidosamente executado. Como a terra foi organizada?”

Respondeu Alto: “Ela é circular em sua parte exterior, e ao seu redor se encontra o mar profundo. Na praia desse mar, deram terras para os povos dos gigantes viverem. Em frente à parte interna da terra os deuses ergueram uma fortaleza ao redor do mundo contra a violência dos gigantes, e para construí-la utilizaram as pálpebras do gigante Ymir. Chamaram-na Terra-Média [*Miðgarðr*]. Eles tomaram também seus miolos e jogaram-nos ao céu e fizeram as nuvens, assim como é dito aqui:

Da carne de Ymir
a terra foi criada,
e do suor, o mar,
montanhas, dos ossos,
a árvore, do cabelo,
e do crânio, o céu.

E de suas pálpebras
fizeram os alegres deuses

¹⁵ Mais adiante (*Gfg*, 14), Snorri entra em mais detalhes sobre os anões [*dvergar*].

¹⁶ Os nomes destes anões constam na *Vsp*, 9-16, e são mencionados novamente mais adiante (*Gfg*, 14). Os quatro pontos cardeais, portanto, seriam, segundo a descrição de Snorri, nomeados a partir desses seres que presumivelmente sustentam a abóboda celeste, concepção comparável à do titã Atlas da mitologia Grega (*Teogonia*, 746-9).

a Terra-Média para os filhos dos homens,
e dos miolos dele
foram criadas todas
as nuvens carregadas

[9] Então falou Gangleri: “Parece-me que eles realizaram algo grandioso quando a o céu e a terra foram feitos, e o sol e os corpos celestes foram posicionados e os dias, divididos. E de onde vieram os homens que habitam o mundo?”

Então respondeu Alto: “Quando os filhos de Bor caminhavam pela costa do mar, eles encontraram duas árvores. O primeiro deu-lhes espírito e vida, o segundo, inteligência e movimento, o terceiro, aparência, fala, visão e audição. Deram-lhes roupas e nomes: o homem chamava-se Ask e a mulher, Embla¹⁷. E deles nasceram os homens, para os quais morada foi dada sob a Terra-Média. Em seguida, os filhos de Bor construíram para si uma fortaleza no meio do mundo que se chama Ásgard. Nós a chamamos de Troia¹⁸. Ali habitavam os deuses e suas famílias, e de lá surgiram muitos eventos e discussões, tanto na terra quanto no ar. Existia ali um lugar chamado Hlidskjalf, e quando Odín se sentava em seu trono, enxergava todo o mundo e a atividade de cada homem, e tomava conhecimento de tudo aquilo que via. Sua esposa chamava-se Frigg Fiorgvinsdottir, e da família deles se originou a linhagem que chamamos de Ases [*Æsir*], que habitavam no antigo Ásgard e nos reinos que lhe pertenciam. Essa família inteira é divina. E por isso Odín pode ser chamado de Pai-de-todos - pois ele é pai de todos os deuses e homens, e de tudo que foi criado por ele e seu poder. Terra [*Jörð*] era sua filha e sua esposa. Com ela, gerou seu primeiro filho, Thor-dos-Ases [*Ásabórr*]. Ele é dotado de força e vigor, e por isso supera todos os seres.”

[10] “Norfi ou Narfi chamava-se um gigante que vivia em Iotunheim. Ele tinha uma filha chamada Noite [*Nótt*]. Ela era negra e escura, assim como sua família, e casou-se com um homem chamado Naglfari. O filho deles chamava-se Aud. Depois, a mesma casou-se com o homem chamado Outro [*Annarr*]. Terra chamava-se a filha deles. Por último, casou-se com ela Delling, da família dos Ases. Seu filho foi Dia [*Dagr*]. Ele era brilhante e belo, assim como o pai. Então o Pai-de-todos tomou Noite e Dia, filho dela, e lhes deu dois cavalos e duas carruagens, e colocou-os no céu, de modo a cavalgarem ao redor da terra a cada dia. Noite cavalga à frente o cavalo chamado Crina-de-gelo [*Hrímfaxi*], e toda manhã ele irriga a terra

¹⁷ Ask (islandês antigo “*Ask*”) significa a árvore do “freixo”. Quanto a Embla, a etimologia é controversa (*Simek*). A mais tentadora parece ser a que conecta o nome a *almr* (“olmo”, outra árvore). Assim, Ask e Embla formariam um par de árvores a partir dos quais homens e mulheres teriam sido criados.

¹⁸ A *Edda em Prosa* faz diversas referências à cultura clássica. Segundo a descrição de Snorri no prólogo da obra, os antigos deuses do panteão nórdico seriam, na verdade, heróis do ciclo mítico da guerra de Troia.

com a espuma que escorre do freio atrelado a sua boca. O cavalo de Dia chama-se Crina-brilhante [*Skinfaxi*], e ele ilumina todo o ar e a terra a partir de sua crina.”

[11] Então falou Gangleri: “Como Odín comanda o curso do sol e da lua?”

Alto disse: “Havia um homem chamado Mundilfoeri que tinha dois filhos. Eles eram tão lindos e belos que um foi chamado de Lua [*Máni*], e a filha, Sol [*Sól*]¹⁹. O pai deu-a em casamento a um homem chamado Glen. Mas os deuses enfureceram-se por essa arrogância e tomaram os irmãos e colocaram-nos no céu²⁰. Fizeram Sol conduzir os cavalos que puxavam a carruagem do sol, o qual haviam criado para iluminar os mundos a partir de uma fagulha que flutuou da região de Muspell. Os cavalos chamavam-se Árvak e Alsvíð. E embaixo de seus ombros, os deuses posicionaram dois foles para resfriá-los. Em algumas fontes eles são chamados de ísarnkol. Lua comanda o curso da lua e governa seu crescer e minguar. Ele tomou dois filhos da terra chamados Bil e Hiúki quando caminhavam de um poço chamado Byrgir. As crianças carregavam em seus ombros o cesto que chamamos de Soeg, e a vara no qual o carregavam era Stimul²¹. Vidfinn chamava-se o pai deles. Essas crianças acompanham a lua, tal como se pode ver da terra²².”

[12] Então falou Gangleri: “Sol caminha depressa, como se estivesse com medo, e ela não conseguiria apressar mais seu curso, mesmo que temesse morrer.”

Então responde Alto: “Não é surpreendente que ande depressa, pois logo atrás dela vem aquele que a persegue, e não há escapatória senão correr.”

Então falou Gangleri: “E quem traz a ela tamanha preocupação?”

Alto disse: “São dois lobos. Aquele que corre atrás dela chama-se Skoll. Ela o teme, e ele irá apanhá-la. E o que corre adiante chama-se Hati Hróðvitnisson. Ele deseja apanhar Lua, e assim será.”

Então falou Gangleri: “Qual é a família dos lobos?”

¹⁹ Em islandês antigo, lua é um substantivo masculino, enquanto sol é feminino.

²⁰ Existem três possíveis interpretações para o que seria a “arrogância” (*ofdrambi*) em questão: 1) o fato de os filhos serem tão belos; 2) o fato de o pai nomeá-los “Sol” e “Lua”, comparando sua beleza à dos astros; 3) o fato de o pai casar uma moça tão bela com um homem mortal. O texto parece sugerir a opção 2, embora *Lindow*, mencionando alguns paralelos, argumente que a opção 3 faça mais sentido.

²¹ A sintaxe sugere que os irmãos carregam sobre os ombros uma vara entre os dois, da qual um cesto pende.

²² Podemos intuir, a partir desta frase, que na Islândia medieval se enxergava nas sombras da lua a imagem dessas duas crianças carregando o cesto.

Alto disse: “Uma gigante [gýgr] vive a leste da Terra-Média num bosque chamado Mata-de-ferro [Járnviðr]. Nesse bosque habitam mulheres-troll [trǫllkonnur]²³ chamadas Mata-ferrenses [Járnviðjur]. A velha gigante gerou muitos filhos gigantes, todos em forma de lobo [vargr], e destes se originam os tais lobos. Diz-se que dessa raça virá o mais poderoso de todos, que se chama Devorador-da-lua [Mánagarmr]. Ele se enche com a vida de todos os homens que morrem, e devorará a lua e manchará todo o céu e o ar com sangue. Assim o sol perderá seu brilho, e os ventos serão violentos e irão rugir em toda parte. Assim diz na *Profecia da bruxa*:

A leste vive a velha,
em Mata-de-ferro,
e lá ela gera
os filhos de Fenrir²⁴.
Vem de todos eles
um certo ser,
o apanhador da lua
em forma de troll.

Ele se enche com a vida
de homens que morrem,
avermelha a morada dos deuses
com sangue rubro.
Negros tornam-se os raios do sol
dos verões seguintes,
os climas todos hostis.
Já sabeis tudo ou não?”

[13] Então falou Gangleri: “Qual é o caminho da terra até o céu?”

Então Alto respondeu e riu: “Essa não é uma pergunta sábia. Não lhe contaram que os deuses fizeram uma ponte da terra até o céu, e que ela se chama Bifrost? Você já deve tê-la visto, pode ser que a chame de arco-íris. Ela tem três cores, é muito firme e foi feita com habilidade e mais sabedoria do que outras obras. Mas mesmo sendo tão forte, ela se romperá quando os companheiros de Muspell passarem e cavalgarem por ela. Seus cavalos nadarão sobre grandes rios. Assim eles avançam.”

Então falou Gangleri: “Não me parece que os deuses fizeram a ponte de maneira muito confiável, já que ela pode quebrar, e eles podem fazer como querem.”

²³ “Troll”, no contexto da *Edda em Prosa*, parece referir-se a qualquer criatura maligna genericamente. *Simek* aponta que o nome designa gigantes (*jǫtunnar*) malignos. Não se deve confundi-los com os trolls tradicionais do folclore escandinavo mais tardio (v. KNUTSEN; RIISØY, 2007).

²⁴ Fenrir é um famoso lobo mitológico que devora Odin no episódio do fim do mundo, Ragnarok (*Gfg*, 51-3). “Filhos de Fenrir” é um *kenning* para “lobos”.

Então falou Alto: “Os deuses não merecem ser repreendidos por tal trabalho. Bifrost é uma boa ponte, mas não há coisa nesse mundo em que se possa confiar quando os filhos de Muspell partem para a guerra.”

[14] Então falou Gangleri: “E com o que se ocupava então o Pai-de-todos quando Ásgard foi construído?”

Alto disse: “No início ele estabeleceu governantes e pediu-lhes para julgar com ele o destino dos homens e comandar a organização da fortaleza. Isso se deu no meio dela, no local chamado Campo-de-Ida [*Iðavöllr*]. E a primeira de suas obras foi erigir um templo onde os tronos dos deuses se encontram, doze outros além do alto trono de Odin. Essa é a melhor e maior construção já feita sobre a terra. Por dentro e por fora é como se tudo fosse de ouro. Os homens chamam esse lugar de Gladsheim. Construíram, ainda, outro salão. Lá ficava o santuário das deusas, e ele era todo belo. Os homens chamam-no Vingôlf. Em seguida o que fizeram foi estabelecer forjas, e criaram martelo, tenaz e bigorna, e a partir deles, todas as outras ferramentas. Em seguida, forjaram metal, pedra e árvore, e usaram tão abundantemente o metal chamado ouro, que tinham todos os seus utensílios domésticos e de serviço feitos de ouro, e tal época chamava-se “a era de ouro”, antes de ser arruinada pela chegada das mulheres. Elas vieram de Iotunheim²⁵.

Em seguida, os deuses sentaram-se em seus tronos e estabeleceram suas cortes, e discutiram sobre onde os anões [*dvergar*] haviam sido gerados, no solo, embaixo da terra, como vermes na carne. Os anões foram moldados primeiro, ganharam vida na carne de Ymir e eram vermes. Mas a partir de uma decisão dos deuses, receberam inteligência e forma humana, embora vivessem debaixo da terra e das pedras. Modsognir era um anão, e outro era Durin. Assim diz na *Profecia da bruxa*²⁶:

²⁵ O texto de Snorri aqui leva a conclusões errôneas, porque induz o leitor a pensar que a “era de ouro” (*gullaldr*) teve seu fim por conta da chegada do gênero feminino, como se as mulheres fossem a explicação para a causa dos males do mundo, como Pandora na mitologia grega (*Teogonia*, 560-612; *Trabalhos e Dias*, 60-105), ou Eva, na mitologia abraâmica (*Gênese*, 1-5, *Antigo Testamento*). A passagem é uma referência a *Vsp*, 7-8, quando se descreve um mundo de harmonia entre os deuses, em que tudo funciona perfeitamente e não há falta de ouro, e seu declínio graças à chegada de três gigantas de Iotunheim. Snorri, em sua passagem, refere-se a “mulheres” de maneira pouco específica (*konur*, ou, no gen. pl., como aparece no original, *kvenna*), o que nos induz a pensar no gênero feminino como um todo. Na *Profecia da bruxa*, entretanto, não se diz que a causa do declínio foi a chegada de mulheres (*konur*), mas de “donzelas dos gigantes (*bursa mejar*) muito poderosas (*ámátkar mjök*) de Iotunheim (*ór Jötunheimum*)”. As responsáveis pelo fim da “era de ouro” não parecem ser, portanto, mulheres enquanto gênero, mas três gigantas específicas. Quem seriam essas gigantas não podemos saber – o mito é perdido. *Larrington*, p. 283, suspeita que sejam inimigas dos deuses. *Dronke*, p. 38, vai mais longe e teoriza (baseando-se em elementos sutis do texto e paralelos) que as gigantas teriam sido oponentes dos Ases em um jogo de tabuleiro (*tafl*) e que os deuses teriam quebrado o tabuleiro por estarem sendo derrotados pelas oponentes.

²⁶ Snorri cita em seguida uma lista comparável ao segmento *dvergatal* (“lista de anões”) da *Profecia da bruxa*, estrofes 9-16, em que a bruxa conta sobre a criação desses seres e provém uma lista de seus nomes. *Simek*

Então foram todos os poderosos
 aos assentos divinos,
 sacrossantos deuses,
 e de lá determinaram
 que um povo de anões
 deveria ser criado
 da arrebentação ensanguentada
 e das pernas de Bláin²⁷.
 Ali, em forma humana,
 muitos foram feitos,
 os anões na terra,
 como Durin disse.

E estes, a bruxa disse, são os nomes dos anões²⁸:

Lua-crescente [*Nýi*], Lua-minguante [*Niði*],
 Norte [*Norðri*], Sul [*Suðri*],
 Leste [*Austri*], Oeste [*Vestri*],
 Mestre-ladrão [*Alþjólfri*], Atrasado [*Dvalinn*],
 Cadáver [*Nár*], Parente [*Náinn*],
 Nipping, Morto [*Dáinn*],
 Bifur, Báfur,
 Gorducho [*Bomborr*], Nôri,
 Ôri, Ônar,
 Ôin, Lobo-feroz [*Möðvitnir*],
 Vig e Elfo-cajado [*Gandálfr*],
 Elfo-vento [*Vindálfr*], Thorin,
 Fili, Kili,
 Encontrado [*Fundinn*], Váli,
 Thrôr, Thrôin,
 Conhecido [*Þekkr*], Colorido [*Litr*], Sábio [*Vitr*],
 Nýr, Conselho-novo [*Nýráðr*],
 Guerreiro [*Rekkri*], Sábio-em-conselho [*Rádsviðr*]

E estes eram os anões que viviam nas pedras, enquanto os primeiros viviam debaixo da terra:

Draupnir, Ponta-inimiga [*Dólgbvari*],
 Hor, Hugstari,
 Hlediólf, Brilhoso [*Glóinn*],
 Dôri, Ôri,
 Dúf, Cuidadoso [*Andvari*],

argumenta que as fontes para os nomes do poema édico e de Snorri são as mesmas: as *pulur*, “listas”, um gênero poético mnemônico em que se recitavam listas de nomes. Traduzo apenas os nomes claramente significativos e sem etimologia controversa. A tradução faz sumir, entretanto, o jogo fonético existente entre a maioria dos nomes, repletos de assonâncias e aliterações típicas das *pulur*. Vale a pena prestar atenção, portanto, ao jogo fonético com os nomes em islandês antigo entre parênteses no caso daqueles que foram traduzidos.

²⁷ Bláin parece ser outro nome para Ymir (*Dronke, Faulkes, Simek*). Alternativamente, seria o nome de um anão nas *pulur* (*Faulkes, Simek*).

²⁸ Nesta passagem, encontramos diversos nomes de que J. R. R. Tolkien se utilizou em sua obra. Durin, Gandalf, Dwalin, Kili, Fili, Dori, Nori, Ori, Oin, Gloin, Bifur, Bofur, Bombur, Thorin Escudo de Carvalho, Náin, Thrór, Dáin e Thráin (= Thrôin?).

Heptifili,
Alto [*Hár*], Síar.

E estes vieram de Svarinshaug até Aurvang em Joruvall, e deles vem Loffar; estes eram seus nomes:

Skirpir, Virpir,
Skafid, Bisavô [*Ái*],
Elfo [*Álfr*], Ingi,
Escudo-de-carvalho [*Eikinskjaldi*],
Fal, Gelado [*Frosti*],
Fid, Enganador [*Ginnarr*].”

[15] Então falou Gangleri: “Onde fica a capital ou o local sagrado dos deuses?”

Alto respondeu: “Essa fica no freixo de Yggdrasil²⁹. Lá os deuses devem conduzir seus julgamentos todos os dias.”

Então falou Gangleri: “E o que há para se dizer desse lugar?”

Então disse Iguualmente-alto: “O freixo é a maior e melhor de todas as árvores. Seus galhos espalham-se sobre todo o mundo e se encontram sobre o céu. Três raízes da árvore a mantêm de pé, e elas se espalham amplamente. Uma fica junto aos Ases, outra junto aos gigantes de gelo, lá onde antes era Ginnungagap. A terceira fica sobre Niflheim, e abaixo dessa raiz está Hvergelmir. Nídhogg³⁰ a roí por baixo. E embaixo dessa raiz que se estende até os gigantes de gelo, lá fica o poço de Mímir³¹, onde estão escondidos sabedoria e perspicácia. Seu dono chama-se Mímir. Ele é dotado de sabedoria porque bebe a água do poço com seu chifre, Giallahorn. Até lá foi o Pai-de-todos e pediu apenas um gole da água, mas ele nada tomou antes de depositar ali seu olho como oferenda. Assim é dito na *Profecia da bruxa*:

Eu sei de todo, Odin,
onde escondeste teu olho,
no maravilhoso
poço de Mímir.

²⁹ *Yggdrasill*: literalmente, “cavalo-de-Ygg”. “Ygg” é um dos nomes de Odin. A explicação para o nome é motivo de controvérsia (v. *Simek, Lindow*): uma possibilidade é a de que *Yggdrasill* deveria aparecer originalmente sempre acompanhado do antecedente “freixo”: “freixo de Yggdrasil (*askr Yggdrasils*)”, “o freixo do cavalo de Odin”, referência ao fato de que o deus prenderia seu cavalo junto a essa árvore. Outra possibilidade é a de que o nome faria referência a um mito segundo o qual o Pai-de-todos teria se enforcado na árvore para obter o poder das runas, conforme narrado no poema *Hávamál*, 138-141, da *Edda em verso*. Uma expressão idiomática indicaria que os enforcados “cavalgam” a forca, e, por isso, Odin teria “cavalgado” o freixo, que por isso teria recebido o nome de “Cavalo de Ygg”.

³⁰ *Nídhoggr*: serpente (ou dragão?), que, segundo *Vsp* 39, se alimenta de cadáveres e do sangue dos mortos. A etimologia mais aceita é a de que o nome signifique “Golpe-de-ódio” (*Simek, Dronke*).

³¹ *Mímir*: pouco se sabe sobre este ser além do que está escrito na passagem em questão - ele é quem confere sabedoria a Odin (o nome é citado também em *Vsp*, 29, 45). *Simek* aponta que na Saga dos Yngling (*Ynglinga saga*), Mímir é descrito como um dos Ases, enquanto em algumas *pulur*, o nome é encontrado dentre os gigantes.

Mímir bebe hidromel
a cada manhã
da oferenda do Pai-dos-mortos [*Valfǫðr*]³².
Já sabeis tudo, ou não?

A terceira raiz do freixo encontra-se no céu, e abaixo dessa raiz se encontra o poço deveras sagrado, o chamado poço de Urd. Ali fica a corte dos deuses. Todo dia, os Ases cavalgam até lá por Bifrost. Ela é também chamada ponte dos Ases. Os cavalos dos Ases chamam-se assim: Sleipnir é o melhor - Odin é seu dono, e ele tem oito patas. Outro é Glad, o terceiro, Gyllir, o quarto, Glaer, o quinto, Skeidbrimir, o sexto, Silfrtopp, o sétimo, Sinir, o oitavo, Gils, o nono, Falhðfnir, o décimo, Gulltopp, Lêtfteti, o décimo primeiro. O cavalo de Baldr foi queimado com ele. Mas Thor vai a pé até a corte, e vadeia pelos rios assim chamados:

Kornt e Ormt
e os dois Kerlaugar,
por eles precisa Thor vadear
todos os dias
quando vai julgar
no freixo de Yggdrasil,
pois a Ponte dos Ases
queima inteira com fogo,
águas sagradas fervem.”

Então fala Gangleri: “Há fogo sobre Bifrost?”

Alto diz: “Aquilo vermelho que você vê no arco-íris é o fogo queimando. Os gigantes de gelo e gigantes das rochas [*bergrisar*] subiriam até o céu se todos que quisessem atravessar Bifrost pudessem passar. Muitos lugares no céu são belos e tudo por lá tem proteção divina. Ali se encontra um belo salão abaixo do freixo, junto ao poço, e desse salão vêm três moças que são assim chamadas: Urd, Verdandi e Skuld³³. Essas moças moldam as vidas dos homens. A elas chamamos de nornas. Mas há diversas nornas: aquelas que vêm até cada pessoa que nasceu para moldar sua vida são da linhagem dos deuses, mas outras são da estirpe dos elfos³⁴, e outras da estirpe dos anões, como se diz aqui:

³² Mais um dos nomes de Odin.

³³ Uma hipótese etimológica interessante é a de que os nomes das nornas signifiquem Passado [*Urðr*], Presente [*Verðandi*] e Futuro [*Skuld*]. Os nomes estariam assim relacionados aos seguintes verbos: *verða*, “tornar-se, passar-se” e *skulu* “vir a ser, devir”. *Urðr* é forma derivada do passado simples de *verða*, portanto, “o que se passou”, “passado”. *Verðandi* é o particípio presente do mesmo verbo, portanto, “o que se está passando”, “presente”. *Skuld* parece ser simplesmente formado a partir do infinitivo *skulu*, portanto, “devir”, “futuro”, mas tal etimologia é controversa (*Simek*).

³⁴ Elfos parecem ser, no contexto da *Edda em Prosa*, espíritos da natureza bem diferentes dos elfos do folclore escandinavo mais tardio, e ainda mais diferente dos belos elfos de Tolkien. Em *How Elfish were the Álfar*, *Gunnell* conduz uma investigação acerca da representação desses seres em diversas fontes da literatura nórdica.

De origens muito diferentes
penso que sejam as nornas,
elas não possuem a mesma estirpe.
Algumas são da linhagem dos Ases,
outras da linhagem dos elfos,
outras, filhas de Dvalin³⁵.

Então falou Gangleri: “Se as nornas regem os destinos dos homens, elas os distribuem muito desigualmente, já que uns possuem vida magnificamente boa, enquanto outros têm pouca riqueza e reputação; uns, longa vida, outros, curta.”

Alto disse: “Nornas boas e de boa estirpe moldam vida boa. Quanto aos homens que se encontram diante de desgraças, nornas más são a causa disso.”

[16] Então falou Gangleri: “O que mais há para se dizer de maravilhoso sobre o freixo?”

Alto disse: “Há muito para se dizer. Uma águia se encontra sobre os galhos do freixo, e ela é ciente de muitas coisas. No meio de seus olhos repousa o gavião chamado Vedrfolnir³⁶. Um esquilo de nome Ratatosk corre para cima e para baixo pelo freixo, e transmite injúrias entre a águia e Nidhogg. Quatro cervos saltitam pelos galhos do freixo e mastigam suas folhas. Eles chamam-se assim: Dáin, Dvalin, Duneyr, Durathrôr. E há tantas serpentes em Hvergelmir junto a Nidhogg que língua alguma pode enumerá-las. Assim é dito aqui:

O freixo de Yggdrasil
aguenta mais aflições,
do que imaginam os homens.
Um cervo a morde por cima,
e do lado ela apodrece,
Nidhogg a danifica por baixo.

Assim é dito:

Mais serpentes
Se encontram debaixo do freixo de Yggdrasil
do que imaginaria qualquer velho tolo.
Gôin e Môin
(eles são filhos de Grafvitnir),
Grábak e Grafvollud,

³⁵ Filhas de Dvalin: *kenning* para “anões”. *Dvalinn*, ou “Atrasado”, já citado, é um anão.

³⁶ Um gavião repousar sobre o bico de uma águia não é uma imagem convencional. Como Langer, Oliveira e Ferreira (2015) apontam, a imagem de uma ave de rapina repousando sobre uma árvore cósmica é motivo recorrente na iconografia de pedras entalhadas. Essas imagens, os autores argumentam, estão em consonância com os relatos literários nos quais uma águia repousa no topo de uma árvore (vide o poema édico *Grímnismál*, 32). A descrição de um pássaro sobre o outro, entretanto, é única. Podemos especular, portanto, se Snorri não estaria sendo criativo em sua versão. É possível nos perguntarmos se o autor não estaria tentando conciliar duas versões diferentes (uma que envolve uma águia, outra, um gavião), e sobrepondo-as, citando os dois animais, um sobre o outro.

Ôfnir e Sváfnir,
penso eu, para sempre irão
destruir os galhos da árvore.

É dito ainda que as nornas que vivem próximo ao poço de Urd apanham todos os dias água no poço, junto com a lama que se encontra a seu redor, e espalham-na por sobre o freixo para que seus galhos jamais ressequem ou apodreçam. E essa água é tão sagrada que todas as coisas que entram no poço ficam tão brancas como a membrana chamada de ‘pele’, que fica junto à casca do ovo, como se diz aqui:

um freixo eu conheço,
chamado Yggdrasil,
alta árvore, sagrada,
besuntada de lama branca.
De lá vem o orvalho
que cai sobre os vales.
Ela permanece sempre verde acima
do poço de Urd.

Esse orvalho que cai de lá sobre a terra, a ele chamam os homens de “mel do orvalho”, e dele se alimentam as abelhas. Dois pássaros alimentam-se no poço de Urd. Eles chamam-se cisnes, e deles se origina a espécie de aves assim chamada.”

[17] Então falou Gangleri: “Você diz coisas maravilhosas sobre os céus. Quais outros locais importantes existem além do poço de Urd?”

Alto disse: “Há muitos lugares magníficos por lá. Existe um local chamado Álfheim. Lá vive o povo chamado de “elfos claros” [*ljósálfar*]. Mas os elfos escuros [*døkkálfar*] vivem debaixo da terra, e eles são diferentes em aparência, e ainda mais diferentes em essência³⁷. Elfos claros são mais belos do que o sol em aparência, e os escuros são mais negros que piche. Existe um lugar chamado Breidablik, e não há local mais lindo. Há também outro chamado Glitnir, e suas paredes, pilastras e pilares são de ouro vermelho, e seu telhado é de prata. Existe ainda um lugar que se chama Himinbiorg. Esse fica nos confins celestes, junto ao fim da ponte, lá onde Bifrost encontra o céu. Existe ainda um grandioso local chamado Valaskialf. Odin é o dono desse lugar. Os deuses o fizeram e cobriram com um teto de pura prata, e nesse salão fica Hlidskialf, o alto trono assim chamado. E então quando o Pai-de-todos se senta nesse trono, ele enxerga todo o mundo. No mais extremo sul do fim do céu está o salão que de todos é o mais belo, e mais brilhante que o sol, que se chama Gimlê. Ele permanecerá de pé quando ambos céu e terra

³⁷ Não há distinção em outra fonte além de Snorri sobre a divisão entre elfos claros e escuros (*Faulkes, Simek*).

houverem acabado, e nele habitam os homens bons e corretos ao longo de todas as eras. Assim é dito na *Profecia da bruxa*:

Conheço um salão,
mais belo que o sol,
melhor do que o ouro,
que fica em Gimlê.
Lá devem habitar
pessoas corretas
por toda a eternidade
e desfrutar de felicidade.

Então falou Gangleri: “O que protegerá esse lugar quando o fogo de Surt queimar o céu e a terra?”

Alto disse: “Conta-se que existe um outro céu ao sul e acima deste, chamado Andlang, e que há ainda o terceiro céu acima desse que se chama Vidblain, e é nesse céu que pensamos encontrar-se tal local, Gimlê. E cremos que apenas elfos claros habitem esses lugares agora.”

[18] Então falou Gangleri: “De onde vem o vento? Ele é forte de modo a revirar o grande mar e agitar o fogo, e mesmo sendo tão forte, não se pode enxergá-lo. Parece uma criação maravilhosa.”

Então disse Alto: “Isto eu posso lhe contar bem. No mais extremo norte dos confins do céu está pousado o gigante chamado Hraesvelg. Ele tem a forma de uma águia. Quando ele se movimenta para voar, então surgem ventos sob suas asas. Aqui se diz assim:

Hraesvelg chama-se
o gigante pousado nos confins
do céu em forma de águia.
De suas asas,
dizem, vêm os ventos
sobre todos homens.

[19] Então falou Gangleri: “Por que é tão aparente que o verão é quente, e o inverno, frio?”

Alto diz: “Um homem sábio não perguntaria assim, pois isso todos sabem dizer. Se só você foi criado tão desprovido de sabedoria que nunca ouviu isso, eu lhe contarei. Mas acho melhor que você pergunte agora de maneira tola do que continue por mais tempo sem saber disso que é necessário saber. Svasud chama-se o pai do Verão [*Sumar*], e ele tem uma vida tão alegre que por conta de seu nome é que chamamos de prazeroso [*svásligt*] tudo o que é feliz. O pai do Inverno [*Vetr*] é chamado de Vindloni ou Vindsval. Ele é filho de Vasad, e seus familiares eram sombrios e de coração gelado, e o Inverno herdou a natureza deles.”

Referências*Fontes primárias*

BYOCK, J. (trad.). **The Prose Edda**. London: Penguin Classics, 2005.

FAULKES, A. (ed.). **Edda - Prologue and Gylfaginning**. London: Viking society for northern research, University College London, 2005. Disponível em: <http://www.vsnrweb-publications.org.uk/Edda-1.pdf>

FAULKES, A. (trad.). **Edda**. London: Everyman, 1995.

Fontes secundárias

BOULHOSA, P. **Breves Observações sobre a Edda em Prosa**. Brathair vol. 4 n. 1, 2004, pp. 13-8.

CLUNIES ROSS, M. **The Cambridge Introduction to the Old Norse-Icelandic Saga**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Skáldskaparmál**. Odense: Odense University Press, 1987.

DRONKE, U. **The Poetic Edda. Vol. II: Mythological Poems**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LA FARGE, B.; TUCKER, J. **Glossary to the Poetic Edda**. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1992.

LANGER, J. **Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015.

LANGER, J; OLIVEIRA, R.; FERREIRA, A. O simbolismo da águia na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 23, 2015, pp. 125-62.

LARRINGTON, C. **The Poetic Edda**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LINDOW, J. **Norse Mythology: a Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MOOSBRUGGER, M. **Recovering the Snorra Edda: on playing gods, Loki, and the importance of History**. Journal of Violence, Mimesis and Culture vol. 17, 2010, pp. 105-20.

SIMEK, R. **Dictionary of Northern Mythology**. Cambridge: D. S. Brewer, 1993.

GUNNELL, T. How elfish were the *álvar*? In: **Constructing nations, reconstructing myth**. Brepols, 2007.

KNUTSEN, G.; RIISØY, A. Trolls and Witches. In: **Arv: Nordic Yearbook of Folklore**, v. 63, 2007, pp. 31-69.

SEMÊDO, R.; FERNANDES, I. The Context of Christianity and the Process of Composition of the Prose Edda. In: **Roda da Fortuna**, v. 6, 2017, pp. 197-214.